

# O PENSAMENTO ECONÔMICO DA ESCOLA DE SALAMANCA (1526-1604)

*Suelem Halim Nardo de Carvalho<sup>1</sup>*

**Resumo:** Nossa pesquisa tem como objetivo central mostrar que existiu uma tradição intelectual católica durante o período conhecido como Escolástica Tardia, a Escola de Salamanca, que, inserida num contexto histórico de desenvolvimento comercial mundial, produziu um número significativo de obras voltadas para explicação do funcionamento da economia, das atividades comerciais e financeiras, caracterizando o que Schumpeter (1971, p.136)\* chamou de fundamento da ciência econômica. Os teólogos são conhecidos por escreverem obras de filosofia e teologia, mas as obras dos escolásticos tardios não ficaram restritas a estas áreas do conhecimento humano. Na verdade, os escolásticos do final da Idade Média e começo da Idade Moderna escreveram sobre variados assuntos. Política, direito e economia, por exemplo, foram temas muito recorrentes entre os trabalhos dos dominicanos e jesuítas ibéricos, dos séculos XVI e XVII. Nessa direção, a chamada Escola de Salamanca - corrente filosófica nascida na Universidade de Salamanca - foi uma tradição muito importante, pois esteve na origem de uma plêiade de pensadores que se tornaram ilustres pela influência que exerceram no desenvolvimento de uma série de conhecimentos, inclusive na área do pensamento econômico. Durante a Idade Média, os escolásticos tratavam de temas econômicos em livros de direito canônico, nas imensas Sumas de Teologia e até em obras tão inesperadas como coleções de sermões ou em manuais de confessores. Além disso, as referências aos temas econômicos constituíam capítulos esparsos em meio a tratados sobre moral, filosofia, direito e justiça. Somente com a chamada Escolástica Tardia, já no século XVI e mais especificamente com a Escola de Salamanca, veremos o aparecimento de obras dedicadas inteiramente a uma temática econômica como a usura ou ao comércio, por exemplo. Os escritores da Escolástica Tardia foram os responsáveis pela criação de um tipo de tratado chamado De Iustitia et Iure (sobre a Justiça e o Direito), nos quais discutiam assuntos predominantemente econômicos. E, como não poderia deixar de ser, diferentemente das correntes posteriores (mercantilista e fisiocrata), os escolásticos escreviam sobre economia desde uma perspectiva moral. Invariavelmente, as questões sobre empréstimos, contratos, juros, comércio etc. estavam profundamente envolvidas em discussões como justiça, licitude e correção. A relevância destes tratados residia na necessidade de compatibilizar a fé cristã com as novas realidades econômicas e sociais. Tratava-se de elaborar um corpus que serviria de guia moral para os setores sociais mais ligados aos processos de transformação econômica, como os comerciantes por exemplo. Nessa direção, nossa pesquisa busca tornar evidente que os clérigos pertencentes à Escola de Salamanca nutriram interesse por entender o funcionamento dos mercados, sim, mas a preocupação em conhecer as leis da economia se justificava porque estavam constantemente preocupados em garantir que os indivíduos pudessem salvar suas almas através daquilo que eles consideravam ser "práticas cotidianas moralmente corretas". Por isso toda a discussão econômica presente nos textos dos escolásticos salamantinos é carregada de um profundo moralismo cristão.

**Palavras-chave:** Escola de Salamanca; Escolástica Tardia; História do Pensamento Econômico.

---

1 Professora Ma. Assistente da Universidade Estadual de Maringá-PR.

No início do século XVI, em um período comercialmente movimentado, de grandes transformações econômicas, caracterizado como a Era Mercantilista, eis que ocorre o desenvolvimento da chamada Escolástica Tardia ou Segunda Escolástica. Para situar historicamente a Segunda Escolástica, Alfredo Colleton nos fornece algumas informações importantes:

Ao nos referirmos à Escolástica, estamos nos referindo ao método de ensino teológico e filosófico desenvolvido nos primórdios da universidade durante a Idade Média, entre os séculos IX e XVII. No método escolástico debatiam-se questões e opiniões, fundamentando-as com a razão. Os escolásticos procuravam conciliar os sagrados ensinamentos da doutrina cristã com o platonismo e o aristotelismo. Esse termo não significa exclusivamente filosofia medieval nem religiosa. É um método de produção de conhecimento fundado na disputa, no confronto de perspectivas visando respostas sustentadas na razão. Quando falamos de *Segunda Escolástica*, nos referimos ao pensamento desenvolvido segundo a metodologia escolástica durante os séculos XVI e começos do XVII, durante os quais esta forma de pensamento alcança um grande nível intelectual. Seu principal foco de desenvolvimento, ainda que não o único, é a chamada Escola de Salamanca, movimento intelectual iniciado por Francisco de Vitória (1483-1546) e projetado por seus discípulos para diversos centros de ensino da Europa e América.<sup>2</sup>

Sabemos que os escolásticos são conhecidos por escreverem obras de filosofia e teologia, mas as obras dos escolásticos tardios não ficaram restritas a estas áreas do conhecimento humano. Na verdade, os escolásticos do final da Idade Média e começo da Idade Moderna escreveram sobre variados assuntos. Política, direito e economia, por exemplo, foram temas muito recorrentes entre os trabalhos dos dominicanos e jesuítas ibéricos, dos séculos XVI e XVII.

---

<sup>2</sup> CULLETON, Alfredo. O que é a escolástica e a Escola de Salamanca. In: *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, ano X, n.342, 2010, p.5.

Nessa direção, a chamada Escola de Salamanca<sup>3</sup> - corrente filosófica nascida na Universidade de Salamanca<sup>4</sup> - foi uma tradição muito importante, pois esteve na origem de uma plêiade de pensadores que se tornaram ilustres pela influência que exerceram no desenvolvimento de uma série de conhecimentos, inclusive na área do pensamento econômico<sup>5</sup>.

De acordo com a definição de Cecilia Font de Villanueva, Escola de Salamanca é a “denominación que suele aplicarse a un grupo de juristas españoles del siglo XVI, vinculados a la universidad salmanticense y creadores de un cuerpo de doctrina sobre derecho natural, internacional y teoría monetaria.”<sup>6</sup>

Diante da pergunta: “¿Es lícito,(...), hablar de una «Escuela de Salamanca?»”, Marjorie Grice-Hutchinson<sup>7</sup> afirmou que o termo Escola de Salamanca já está consagrado por várias gerações de historiadores, para “referirse específicamente a Francisco de Vitoria, sus colegas, sus discípulos y sus principales continuadores, así en el campo económico como en el de las otras disciplinas a que dedicaron mayormente sus esfuerzos.”<sup>8</sup>

Jesús Luis Paradinas Fuentes reconhece como Escola de Salamanca um grupo de teólogos e juristas espanhóis “de los siglos XVI y XVII que renovaron el pensamiento escolástico tomista para responder a las novedades introducidas por el humanismo renacentista, el descubrimiento de América y la reforma protestante”.<sup>9</sup>

3 Parece que o primeiro autor a usar o termo Escola de Salamanca foi José Larraz Lopez, em 1943, Cf. FUERTES, Juan Velarde. La Escuela de Salamanca y José Larraz. La Ilustración liberal, nº 11, 2002, p. 92: “en el capítulo III del discurso de recepción de José Larraz López en la Real Academia de Ciencias Morales y Políticas, leído el 5 de abril de 1943, bajo el título de El cuantitativismo monetario de Salamanca se emplea, por primera vez la expresión de *escuela de Salamanca*”. Entretanto Marjorie Grice-Hutchinson, em El concepto de la Escuela de Salamanca: sus orígenes y su desarrollo. Revista de Historia Económica Año VII Primavera-Verano 1989, n. 2, Suplemento, p.22, afirmou ter sido o “alemán Martin Grabmann, quien afirmó en 1917 que la regeneración de la escolástica debida a Vitoria no se limita a los teólogos dominicos. Los miembros de otras Ordenes religiosas han aprendido en esta escuela. Los teólogos de la Compañía de Jesús recibieron, en parte directa, en parte indirectamente, este estímulo y esta influencia de la Escuela de Salamanca, y la aprovecharon y desarrollaron en sus nuevos centros docentes y especialmente en Coimbra”.

4 A Universidade de Salamanca, localizada no município de Salamanca, Espanha, é a mais antiga da Península Ibérica. Como conjunto de escolas catedrais, foi criada em 1134 pelo rei Afonso VII, porém a fundação da Universidade, como tal, data do ano 1218 pelo rei Afonso IX. Em 1255 recebeu o título de universidade pelo Papa Alexandre IV.

5 Da Universidade de Salamanca, tentando explicar o fenômeno de uma prolongada alta no nível dos preços (a chamada Revolução dos Preços), saíram os teólogos e doutores em direito canônico salmantinos, os maiores representantes da Segunda Escolástica. Cf. REEDER, J. El pensamiento económico de los escolásticos. In: PERDICES DE BLAS, Luis (Ed.). Historia del pensamiento económico. Madrid: Editorial Síntesis, 2003, p. 21 e ss.

6 Cf. FONT DE VILLANUEVA, Cecilia, La racionalidad económica em la Escuela de Salamanca: Francisco de Vitoria y Reeder. In: Colección Mediterráneo Económico, V. 9, p. 153-163, 2006, p. 153.

7 GRICE-HUTCHINSON, Marjorie. El concepto de la Escuela de Salamanca: sus orígenes y su desarrollo. Revista de Historia Económica Año VII Primavera-Verano 1989, n. 2, Suplemento, p. 21.

8 Cf. GRICE HUTCHINSON, Op. Cit., p.25.

9 FUENTES, Jesús Luis Paradinas. El pensamiento económico de la Escuela de Salamanca. Fundación Canaria Orotava de Historia de la Ciencia, 2017, p.1.

Segundo Maria Idoya Zorroza, o termo “Escola” se refere a um grupo de pensadores que, “en torno a un fundador o fundadores, tienen unos elementos comunes, una metodología u opción científica diferenciada, y una forma propia de realizar la específica labor intelectual.”<sup>10</sup> Em consonância com esta definição, não se pode negar a “existencia clara de una Escuela, de su carácter teológico, que se centra en la particular revisión del tomismo que realiza Francisco de Vitoria (y junto a él Domingo de Soto) en Salamanca a partir de 1526”.<sup>11</sup> Desse modo, os trabalhos empreendidos pelos teólogos de Salamanca caracterizam-se como sendo a fundação de uma escola tanto materialmente “adscribiendo a ella los profesores (e incluso los alumnos o teólogos vinculados de algún modo con ellos) de la Universidad salmantina”<sup>12</sup>, quanto temporalmente (com a chegada de Francisco de Vitória a Universidade de Salamanca). Nas palavras da autora, desde

[...] su inicio se ha considerado que había un elemento específico en el grupo de teólogos que, en la Universidad de la ciudad del Tormes, encabezaron varias de las cátedras de Teología entre 1526 y principios del siglo XVII, por lo que se ameritaría una consideración de “Escuela” em sentido estricto, al encontrarse en ellos notas diferenciales que señalan *um modo proprio* de hacer teología en los autores que forman parte de ella.<sup>13</sup>

Ainda de acordo com Zorroza, a determinação de que houve uma Escola de Salamanca em sentido estrito não a converte em uma instituição fechada, surgida como que espontaneamente, nem tão pouco encerra “líneas de diálogo tanto con su pasado inmediatamente anterior como con su presente, ni, por supuesto, las líneas de continuidad y posibilidad abiertas hacia el futuro”<sup>14</sup>. Para além do núcleo dos autores que comumente se define como integrantes da Escola de Salamanca, “ésta tiene un área de *proyección espacial y temporal* en temas, orientaciones, planteamientos, etc.” E esta área de projeção coexiste “con iniciativas coetáneas de gran fecundidad que harán cobrar nuevos cursos a las ideas presentes en el pensamiento ibérico de los siglos XVI y XVII.”<sup>15</sup>

Segundo Juan Belda Plans, a definição de Escola de Salamanca envolve um conceito amplo, pois abarca o grupo de teólogos e juristas que ocuparam “cátedras en Salamanca, pero también en otras Universidades Europeas y Americanas”.<sup>16</sup> O núcleo original da Escola formou-se em Salamanca “pero a partir de ahí se expande hacia Europa (sobre todo

10 ZORROZA, Maria I. Hacia una delimitación de la Escuela de Salamanca. Revista Empresa y Humanismo, vol. 16, n. 1, 2013, p. 59.

11 Cf. ZORROZA, Op. Cit., p.59.

12 Cf. ZORROZA, Op. Cit., p.59.

13 Cf. ZORROZA, Op. Cit., p.59-60.

14 Cf. ZORROZA, Op. Cit., p. 61.

15 Cf. ZORROZA, Op. Cit., p.63.

16 BELDA PLANS, Juan. Hacia una noción crítica de la “Escola da Salamanca”. In: SCRIPTA THEOLOGICA, n. 31, 1999, p. 372.

Coimbra y Roma) y América (Méjico y Lima)”<sup>17</sup>; além disso, seus membros não se limitaram aos professores universitários de Salamanca, mas também abarcaram “europeos (como Molina o Suárez) y americanos (como Veracruz o Acosta); tampoco son sólo teólogos sino que también se incluyen algunos juristas relacionados con Vitoria y Salamanca (como Azpilcueta o Covarruvias)”<sup>18</sup>.

Para Ignacio Jericó Bermejo, a Escola de Salamanca é um movimento estreitamente relacionado com a Universidade em si, mas que “de todas formas, es preciso reconocer que la desborda también”<sup>19</sup>. Nessa direção, Bermejo julga apropriado o uso do termo Escola, já que um conjunto de teólogos da Universidade de Salamanca uniram-se em torno de uma doutrina comum, um pensamento coeso, que abarcava as especificidades e individualidades de cada autor:

Si se me preguntara ahora qué es en definitiva la Escuela de Salamanca, no dudaría un instante en decir que es la joya por antonomasia de la Ciudad del Tormes; mejor todavía, de la Universidad. Esa joya es sólo un grupo de teólogos que trabajaron y enseñaron la teología desde la unidad con vistas a la universalidad. Todos ellos se vieron animados por los mismos ideales y propósitos. Entre ellos no prevalecieron las individualidades. Por eso, recibió este destacado grupo el nombre de la Escuela (con mayúscula, por supuesto) de Salamanca.<sup>20</sup>

Ainda de acordo Bermejo, a chegada de Francisco de Vitória<sup>21</sup> (1483-1546) a Universidade de Salamanca, em 1526, marcou o nascimento da Escola uma vez que foram os seus ensinamentos que propiciaram unidade filosófica ao conjunto de professores de Salamanca: “La vieja Universidad de la Ciudad del Tormes (...) dio [a Francisco de Vitória] la posibilidad de que aquellas sus enseñanzas fueran reconocidas y aprobadas por todos, profesores y alumnos, como doctrina común.”<sup>22</sup>

Para Juan Belda Plans, a Escola de Salamanca foi um movimento teológico do século XVI, integrado por um amplo grupo de três gerações de teólogos, catedráticos e professores da Faculdade de Teologia de Salamanca, “todos los cuales consideran a Francisco de Vitoria como el artífice principal del movimiento y siguen los cauces de renovación teológica abiertos por él, hasta principios del siglo XVII.”<sup>23</sup>

17 Cf. BELDA PLANS, Op., Cit., 372.

18 Cf. BELDA PLANS, Op., Cit., 372.

19 BERMEJO, Ignacio Jericó. *¿Escuela de Salamanca y Pensamiento hispánico? Ante una propuesta*. Universidad Pontificia de Salamanca: Salmanticensis 59, 2012, p. 97.

20 Cf. BERMEJO, Op. Cit., p. 96.

21 Francisco de Vitória (1483-1546) talvez seja o mais destacado teólogo espanhol da Escolástica Tardia. Entrou para a Ordem dos Pregadores em 1504. Foi especialmente influente pelas suas ideias jurídicas, de filosofia moral e economia.

22 Cf. BERMEJO Op. Cit., p. 105.

23 BELDA PLANS, Juan. Hacia una noción crítica de la “Escuela da Salamanca”. In: SCRIPTA THEOLOGICA, n. 31, 1999, p. 380.

De acordo com Miguel Anxo Pena González, os próprios membros da Escola de Salamanca tinham consciência de pertencimento ao movimento intelectual que lhes abarcava, de modo que “nadie puede negar la existencia clara de una Escuela, que viene configurada por un modo de hacer y pensar, donde la teología es el motor propio y singular que da sentido a la misma.”<sup>24</sup>

Seguindo a opinião dos demais especialistas, Pena González sustentou que a vinda de Francisco de Vitória para a Universidade de Salamanca (e a disseminação do seu método de ensino) representou a fundação dessa corrente de pensamento. Sobre as inovações intelectuais trazidas por Vitória, Pena González afirmou:

Era una nueva manera concreta de concebir la realidad del hombre, un ser humano que estaba en estrecha relación con la teología, como ciência suprema y más importante en las aulas universitarias, pero una teología que, bebiendo de las sustanciosas aguas del humanismo, entendía ésta como una ciencia abierta, dinámica y da actualización política, conciliando perfectamente la investigación de carácter más positivo con la posibilidades aportadas por la recuperación de las lenguas clásicas, como complemento para una teología donde ya abundaba lo especulativo.<sup>25</sup>

Depois de Francisco de Vitória, Domingo De Soto<sup>26</sup> despontou como o continuador da tradição salmantina, uma vez que “Soto vive la misma experiencia, que podría estar presente en Vitoria: la necesidad de la renovación urgente de la Escolástica, acción que se consolida en Salamanca”<sup>27</sup>

Ainda de acordo com Pena González, delimitar o quadro de autores pertencentes à Escola de Salamanca não é tarefa fácil, uma vez que listas com diferentes nomes são reproduzidas por estudiosos do tema. Entretanto,

Si intentásemos hacer una organización de los autores, tendríamos que partir de una división elemental, en la que habría dos momentos fuertes de Escuela, que ya frecuentemente se denominan como Primera y Segunda Generación y, a su vez, en esa primera escuela comprendería dos momentos: el fundacional, compuesto por los maestros de primera hora, y el segundo, por los discípulos directos de los maestros.<sup>28</sup>

24 PENA GONZALEZ, Miguel Anxo. Aproximación histórica al concepto "Escuela de Salamanca". In: Escritores capuchinos de la Provincia de Castilla: 1889-2010, Salmanticensis. - Vol. 52, fasc. 1, 2005, p.69.

25 Cf. PENA GONZALEZ, Op. Cit., p.79.

26 Domingo de Soto (1494 -1560) foi um frade dominicano espanhol, professor de teologia na Universidade de Salamanca.

27 Cf. PENA GONZALEZ, Op. Cit., p.84.

28 Cf. PENA GONZALEZ, Op. Cit., p.89.

Quanto à abrangência da Escola de Salamanca, o teólogo espanhol afirmou que seu magistério não se limitava à tarefa de docência universitária, mas se estendia a distintos âmbitos, desde estudos conventuais, publicações de obras, como os frequentes e diversos serviços a Coroa, “donde se va haciendo reflexión teológica a partir de las necesidades y asuntos concretos que han de ser abordados y estudiados”<sup>29</sup>. Por fim, Pena González asseverou não haver dúvidas de que a Escola de Salamanca “dice referencia directa a la Facultad de Teología, de la Universidad de Salamanca, aunque no de manera exclusiva, puesto que está abierta a infinidad de confluências.”<sup>30</sup>

De uma perspectiva mais restritiva, quanto à delimitação do âmbito espacial da Escola de Salamanca, encontramos os trabalhos de José Barrientos García<sup>31</sup> que reduziu a abrangência da Escola aos doutores dominicanos diretamente relacionados com as atividades intelectuais dentro dos muros do convento de San Esteban<sup>32</sup>.

Se a chegada de Francisco de Vitória a universidade de Salamanca (1526) é aceita pela comunidade de especialistas acadêmicos como o ano de nascimento da Escola, um pouco mais complexo é delimitar seu desaparecimento. “Nació ciertamente la Escuela de Salamanca en 1526 y ella desapareció a lo largo del siglo XVII”, é a resposta um tanto quanto vaga de Bermejo<sup>33</sup>, por exemplo.

Juan Belda Plans, de modo mais preciso, estabelece o ano da morte de Domingo Báñez<sup>34</sup>, 1604, como a data do encerramento da Escola de Salamanca. De acordo com o escritor espanhol, com o falecimento de Domingo Báñez a Escola de Salamanca entra em uma fase de decadência e perda de unicidade intelectual, marcando, assim, o seu declínio.

En cuanto a los límites temporales [da Escola de Salamanca] en sentido estricto, abarcaría casi todo el siglo XVI y primeros años del XVII: desde la llegada de Francisco de Vitoria a la cátedra de *Prima* de Salamanca en el año 1526, hasta la muerte de Domingo Báñez en el año 1604. Posteriormente a esta última fecha, tras sus inicios y apogeo, se produce una decadencia paulatina en la que todavía se dejan sentir los efectos saludables de la teología renovada salmantina, pero sin que haya grandes figuras teológicas concatenadas entre sí, como hasta ese momento.<sup>35</sup>

29 Cf. PENA GONZALEZ, Op. Cit.p.89.

30 Cf. PENA GONZALEZ, Op. Cit. p.117.

31 BARRIENTOS, José Garcia. Repertorio de moral económica (1526-1670): La Escuela de Salamanca y su proyección. Coleccion de Pensamiento Medieval y Renascentista, n. 124, Pamplona, Eunsa, 2011, p.19.

32 Convento dominicano localizado dentro de um complexo integrado também pela Igreja de San Esteban, na cidade de Salamanca, Espanha, ao qual estavam ligados os doutores da Universidade de Salamanca.

33 BERMEJO, Ignacio Jericó. ¿Escuela de Salamanca y Pensamiento hispánico? Ante una propuesta. Universidad Pontificia de Salamanca: Salmanticensis 59, 2012, p. 105.

34 Domingo Báñez (1528 -1604) teólogo espanhol, religioso da Ordem dos Frades Pregadores. Foi um dos mais ilustres defensores da doutrina de Tomás de Aquino.

35 Cf. BELDA PLANS, Op. Cit., p. 383.

Posição semelhante a de Belda Plans foi adotada por Saranyana<sup>36</sup>, que também destacou a encerramento das atividades intelectuais de Domingo Báñez (1576-1599), como sendo o fechamento de um ciclo dentro da Escola de Salamanca. Saranyana estabeleceu uma distinção entre duas gerações de pensadores pertencentes à Escola, que teriam marcado seu apogeu e declínio: a primeira geração teria se iniciado com Francisco de Vitória e permanecido até Mâncio de Corpus Christi (1526-1576), balizando uma fase apoteótica; e a segunda geração teria abrangido desde Bartolomé de Medina (1527-1580) até a aposentadoria de Domingo Báñez, no ano 1599, marcando o declínio da Escola de Salamanca.

Embora não haja consenso entre os pesquisadores sobre quando termina o movimento intelectual chamado Escola de Salamanca<sup>37</sup>, por questões metodológicas adotamos os limites temporais sugeridos por Belda Plans, ou seja, usamos o ano de 1604 (morte de Domingo Báñez) como limite cronológico para as nossas investigações. E dentre os escolásticos influenciados pelas ideias da Escola de Salamanca entre os anos de 1526-1604, nossa pesquisa priorizou o estudo dos autores cujas obras estavam voltadas para as discussões relativas aos problemas econômicos, focalizando nossa atenção em questões como o funcionamento dos mercados, atividades comerciais e financeiras.

\* \* \*

Antes de prosseguirmos com nossa investigação, é importante entendermos que durante a Idade Média as reflexões sobre o funcionamento da economia não eram feitas a partir de uma perspectiva de uma disciplina bem delimitada por economistas profissionais. Se com os fisiocratas<sup>38</sup>, comumente considerados os primeiros críticos das políticas mercantilistas, podemos ver vários livros claramente voltados para a temática econômica, com títulos como *Tableau Économique*<sup>39</sup>, nas obras dos escolásticos a referência ao que chamamos ciência econômica não é tão clara ou frequente.

Durante a Idade Média, os escolásticos tratavam de temas econômicos em livros de direito canônico, nas imensas Sumas de Teologia e até em obras tão inesperadas como coleções de sermões ou em manuais de confessores. Além disso, as referências aos temas econômicos constituíam capítulos esparsos em meio a tratados sobre moral, filosofia, direito e justiça.

36 SARANYANA, Josep-Ignasi. A Filosofia Medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência 'Raimundo Lúlio' (Ramon Llull), 2006, p. 514.

37 Em geral, os autores por nós consultados reconhecem que as balizas temporais são meramente orientativas, sobretudo às referentes ao fim da Escola.

38 Os fisiocratas pertenciam à escola de pensamento político e econômico desenvolvida por um grupo de economistas franceses no século XVIII, que acreditavam que a riqueza das nações era basicamente derivada do valor e da produtividade de suas terras.

39 'Quadro econômico' livro escrito por François Quesnay, em 1759, que estabeleceu as bases da teoria econômica dos fisiocratas.

Somente na chamada Escolástica Tardia, já no século XVI e mais especificamente com a Escola de Salamanca<sup>40</sup>, veremos o aparecimento de obras dedicadas inteiramente a uma temática econômica como juros ou comércio, por exemplo.

Os escritores da Escolástica Tardia foram os responsáveis pela criação de um tipo de tratado chamado *De Iustitia et Iure* (sobre a Justiça e o Direito), nos quais discutiam assuntos predominantemente econômicos.<sup>41</sup> E, como não poderia deixar de ser, diferentemente das correntes econômicas posteriores (mercantilista e fisiocrata), os escolásticos escreviam sobre economia desde uma perspectiva moral. Invariavelmente, as questões sobre empréstimos, contratos, juros, comércio etc. estavam profundamente envolvidas em discussões como justiça, licitude e correção. A relevância destes tratados residia na necessidade de compatibilizar a fé cristã com as novas realidades econômicas e sociais. Tratava-se de elaborar um *corpus* que serviria de guia moral para os setores sociais mais ligados aos processos de transformação econômica, como os comerciantes por exemplo.

\* \* \*

Para muitos estudiosos do tema, os autores salmantinos foram os responsáveis pela elaboração dos fundamentos teóricos do pensamento econômico moderno<sup>42</sup>. Os escolásticos espanhóis e portugueses do século XVI teriam sido os responsáveis por elaborar pioneiramente as teorias econômicas, que mais tarde teriam sido herdadas pela Economia Política Clássica. Na sequência, reproduziremos alguns aspectos do pensamento econômico de alguns dos principais autores salmantinos.<sup>43</sup>

---

40 De acordo com Jesús L. Paradinas Fuentes (Op. Cit., p.1) “Lo que distingue a los autores de esta Escuela de otros autores es que introdujeron en sus investigaciones una importante novedad, por la que serán calificados, como veremos, de “fundadores” de la economía científica: que antes de aplicar las normas morales derivadas de la teoría tomista del derecho natural a las actividades económicas, realizaron previamente un estudio de carácter analítico de los cambios que se realizaban en los mercados, lo que les llevó a establecer relaciones causales entre diversos fenómenos económicos.”

41 Também tratavam de economia nos manuais de confessores e de penitência; nos tratados *De contractibus* (sobre os contratos) e nos manuais para mercadores.

42 Existe uma ampla gama de autores, principalmente economistas, que caracterizam a Escolástica Tardia como a raiz mais remota do pensamento econômico moderno. Entre estes autores podemos destacar: SCHUMPETER, Joseph A. *Teoría Del desenvolvimiento económico: Una investigación sobre ganancias, capital, crédito, interés y ciclo económico*. México: Fondo de Cultura Económica, 1967; CHAFUEN, Alejandro. *Economía y ética, Raíces cristianas de La economía de libre mercado*. Madrid: Rialp, 1986; GRICE-HUTCHINSON, Majorie. *El pensamiento económico en España (1177-1740)*. Barcelona: Ed. Crítica, 1982; ROTHBARD, Murray N. *Economic Thought Before Adam Smith: An Austrian Perspective on the History of Economic Thought*. UK: Cheltenham, 1995. e ROOVER, Raymond de. *Scholastic Economics: Survival and Lasting Influence from the Sixteenth Century to Adam Smith*. In: *Quarterly Journal of Economics* 69, n. 2, 1995.

43 Este artigo é parte de uma pesquisa mais abrangente sobre a Escola de Salamanca, que abarca o pensamento de vários outros autores salmantinos que não serão abordados no presente trabalho por uma questão de formatação.

Iniciemos com o padre jesuíta Luís de Molina (1535-1600), talvez um dos maiores escolásticos tardios, responsável por desenvolver a ideia de utilidade/subjetividade como medida de valor das mercadorias.

De acordo com Molina, as coisas seriam valoradas, ou não, segundo seus vários usos (utilidade), bem como segundo a conveniência atribuída a elas pelo homem (subjetividade); sendo o custo (produção) um dos fatores determinantes do valor do produto, mas não o único e nem o mais importante.

Luis de Molina, em sua obra *La teoria del justo precio*<sup>44</sup> explicou que o valor de uma mercadoria não está ligado à coisa em si, mas à utilidade que as pessoas atribuem a ela. Por exemplo, por sua natureza, os ratos são superiores ao trigo, contudo, por conta de sua utilidade, o trigo é mais valorizado do que o rato pelos homens. Desse mesmo modo, Molina comparou a venda de uma casa a de um cavalo. Por sua natureza, o cavalo é superior a casa, no entanto, a casa assume um valor monetário maior do que o do animal. Isso acontece porque o preço de uma mercadoria ou produto depende, principalmente, da estima (maior ou menor) que os homens atribuem às coisas por ordem de uso.

Debe observarse, en primer lugar, que el precio se considera justo o injusto no en base a la naturaleza de las cosas consideradas em sí mismas – lo que llevaría a valorarlas por su nobleza o perfección -, sino en cuanto sirven a la utilidad humana; pues en esa medida las estiman los hombres y tienen un precio en le comercio y los intercambios<sup>45</sup>

Outra realidade que explicaria a subjetividade do valor, destrinchada por Molina, diz respeito ao fato do preço “justo” não ser fixo, mas sim vulnerável e adaptável à necessidade do indivíduo humano em diferentes circunstâncias. Isso explicaria, por exemplo, porque um objeto velho de ferro ou argila é desvalorizado na cultura ocidental e valorizado na cultura japonesa, que estima a antiguidade de determinadas coisas. Nessa direção, não podemos dizer que o valor da mercadoria em questão (argila ou ferro velhos) provém da natureza do objeto em si, ou mesmo de sua utilidade, mas sim da estima que os japoneses lhes atribuem - estima esta subjetiva, portanto impossível de ser submetida a valores fixos.

A partir da leitura da obra *La teoria del justo precio* de Luis de Molina, é possível constatar que o preço justo de uma mercadoria depende, principalmente, da estima comum dos homens e ou das regiões/culturas diferentes. Segundo Molina, quando em uma determinada região é vendida uma determinada mercadoria, por um determinado preço,

44 MOLINA, Luis De. *La teoria del justo precio*. Ed. Nacioal: Madrid, 1981.

45 Cf. MOLINA, Op., Cit., p.164.

sem que haja fraude, monopólio ou outros artifícios e trapaceas, este preço deve ser considerado o preço justo e tomado como medida para julgar o dito preço certo nesta região ou lugar.

Porém, é preciso não esquecer que as circunstâncias de um determinado local, no tempo e no espaço, podem oscilar e isso interfere no valor das mercadorias. As circunstâncias que podem fazer o preço dos produtos oscilar são incalculáveis. As mais comuns são, por exemplo, as más colheitas, que podem trazer escassez de determinados cereais e, com isso, elevar o preço dos alimentos, ou, então, em sentido contrário, a abundância na colheita pode fazer os preços baixarem.

Outra importante contribuição de Luis de Molina, para que possamos entender a complexidade que subjaz a questão do valor das mercadorias e das trocas comerciais, pode ser encontrada na obra *Tratados sobre los câmbios*, onde o autor explica que o próprio valor da moeda é suscetível à flutuações. Nesta obra Molina faz uma espécie de descrição geográfica da economia ao mostrar o valor que o dinheiro tem ou pode ter em diferentes localidades. O autor mostra como a mesma quantidade de dinheiro pode ter mais valor em um lugar do que em outro, não só porque o poder público lhe atribui um valor diferente, mas devido às circunstâncias distintas dos diferentes lugares. Diante da implementação de um comércio em escala mundial (que naquele momento histórico estava sendo consolidada), haveria a necessidade de se trocar moedas de uma determinada região pelas de outras. De acordo com Molina, quanto mais pujante o comércio entre distintas regiões, maiores as possibilidades de satisfação dos desejos dos diferentes povos. Vejamos um trecho da referida obra, onde Molina faz uma exposição bastante positiva acerca do comércio mundial:

Desde Portugal envían a Flandes aceite, sal, vino, pimienta y otras cosas que llegan a Portugal desde la India Oriental, Brasil, y otras tierras del área de comercio portuguesa. Desde Flandes se traen a Portugal todas las cosas que son necesarias en al mismo Portugal y en la India Oriental, en Brasil y demás regiones de comercio portugués.<sup>46</sup>

Em *Tratado sobre los cambios* fica evidente a importância que Molina atribui ao comércio internacional para a satisfação do bem comum e desenvolvimento da sociedade como um todo. Também nesta obra, Molina legitima a função do banqueiro como um grupo social que viabiliza as transações comerciais ao vender facilidades para a realização dos negócios entre diferentes pessoas e regiões. Os monopólios, restrições fiscais, são vistos por Molina como obstáculos aos negócios e, portanto, práticas que não concorrem para o bem comum.

46 MOLINA, Luis De. *Tratado sobre los cambios*. Instituto de Estudios Fiscales: Madrid, 1991, p.131.

No que concerne ao pensamento relativo à teoria monetária, dois autores salmantinos são particularmente importantes, quais sejam: Martín de Azpilcueta (1492-1586) e Tomás de Mercado (1530?-1576). Para o economista J. Reeder<sup>47</sup> os autores da Escolástica Tardia foram os precursores da teoria quantitativa de moeda<sup>48</sup>. Do ponto de vista histórico, o fato de terem sido os escolásticos tardios os primeiros a lidarem com o problema da oferta monetária ocorreu porque desde o fim do Império Romano até o final da Idade Média a Europa não experimentava um problema forte em relação à inflação. A relativa estabilidade monetária que a Idade Média experimentou sofreu um grande abalo a partir do momento em que as grandes navegações dos séculos XV e XVI alargaram exponencialmente as rotas comerciais e interligaram regiões até então desconhecidas.

La primera consecuencia de las masivas llegadas de metales preciosos desde América fue el importante y continuo aumento de los precios de las mercancías, primero en España y después en el resto de Europa, hasta el punto de que los precios se triplicaron en el siglo XVI. Estas tasas de inflación, que en nuestros tiempos pueden parecer normales, no lo eran para los contemporáneos, acostumbrados a una mayor estabilidad de los precios.<sup>49</sup>

De acordo com León Gómez Rivas<sup>50</sup> a afluência massiva de metais preciosos a Península Ibérica “tuvo un efecto inflacionista en la economía, que bien pronto fue apreciado por la gente de la calle, y analizado por los maestros universitarios”. Neste contexto, Gómez Rivas considera que Martín de Azpilcueta, através da publicação de seu *Comentario Resolutorio de Cambios* (1556), tenha sido o precursor de “la Teoría Cuantitativa del dinero (un aumento en la cantidad de moneda hace subir los precios)”. Algo muito semelhante foi afirmado por Fuentes<sup>51</sup> ao dizer que muito antes de a teoria quantitativa da moeda ser formulada “algunos autores habían ya enseñado que entre las causas que explicaban los cambios del valor del dinero estaba su abundancia o escasez.” Essa foi a postura de Martín de Azpilcueta quando esteve tratando das causas que fazem subir ou baixar o valor do dinheiro, por exemplo. Na sequência reproduziremos um trecho da obra *Comentario Reso-*

47 REEDER, J. El pensamiento económico de los escolásticos. In: PERDICES DE BLAS, Luis (Ed.). Historia del pensamiento económico. Madrid: Editorial Síntesis, p. 21-41, 2003, p. 27.

48 De acordo com a teoria quantitativa da moeda, tal como defendida pelos economistas monetaristas do século XX, o nível dos preços é determinado pela quantidade de moeda em circulação e pela sua velocidade de circulação.

49 FUENTES, Jesús Luis Paradinas. El pensamiento económico de la Escuela de Salamanca. Fundación Canaria Orotava de Historia de la Ciencia, 2017, p.4.

50 RIVAS, León Gómez. El comercio con América y los orígenes del pensamiento económico. La Escuela de Salamanca en Europa. In: Pereira Iglesias (coord.): Actas de la V Reunión Científica de la Asociación Española de la Historia Moderna. Tomo I: Felipe II y su tiempo, Cádiz: Servicio de publicaciones de la Universidad de Cádiz: Asociación Española de Historia Moderna, 139-147, 1999, p. 139.

51 FUENTES, Jesús Luis Paradinas. El pensamiento económico de la Escuela de Salamanca. Fundación Canaria Orotava de Historia de la Ciencia, 2017, p.4 e ss.

*lutorio de Cambios*, de Martín de Azpilcueta, que nos permiti visualizar exatamente a sua teoria sobre a oferta monetária:

[o primeiro motivo] que hace subir, o bajar el dinero, que es de haber gran falta y necesidad o copia de él, vale más donde o cuando hay gran falta de él, que donde hay abundancia como lo tiene Calderino, Laurencio Rodolpho, y Silvestro, con quien Cayetano y Soto concuerdan. [...] Lo segundo, y muy fuerte, que todas las mercaderías encarecen por la mucha necesidad que hay y poca cantidad de ellas; y el dinero, en cuanto es cosa vendible, trocable o conmutable por otro contrato, es mercadería, por lo susodicho, luego también se encarecerá con la mucha necesidad y poca cantidad de él”.<sup>52</sup>

De acordo com Fuentes, no momento em que Azpilcueta publicava seu *Comentario*, era já uma realidade conhecida o fato de o dinheiro valer mais onde era escasso e menos onde superabundava. “La novedad teórica de Azpilcueta consistió en afirmar que la abundancia de dinero subía el precio de las mercancías y de los salarios mientras que la escasez los bajaba.”<sup>53</sup>

Já o dominicano Tomás de Mercado, em sua obra *Suma de ratos y contratos*, teria avançado ainda mais a teoria monetária, sendo mais preciso que Azpilcueta, uma vez que ao distinguir “entre el valor nominal y la estima del dinero, expone con mayor perfección la teoría cuantitativa al establecer un orden de estimación, que va de menos a más, entre las Indias, España y el resto de Europa.”<sup>54</sup> Vejamos como Tomás de Mercado expunha tal teoria:

La tercera razón, que otros piensan ser fundamento, es la diversa estimación de la moneda. Y para entenderla, porque es muy buena, es de advertir no ser lo mismo el valor y precio del dinero y su estima. Ejemplo clarísimo es de esto: que en Indias vale el dinero lo mismo que acá, conviene a saber, un real treinta y cuatro maravedís, un peso de minas trece reales, y lo mismo vale el España. Más, aunque el valor y precio es el mismo, la estima es muy diferente entrambas partes, que en mucho menos se estima en Indias que en España. La calidad de la tierra y su disposición lleva de suyo que, en entrando uno en ella, se le engendra un corazón tan generoso en esta tecla que no tiene una docena de reales en más que acá, a modo de decir, una de maravedís. Tras las Indias, do en menos se tiene es en Sevilla, como ciudad que recibe en sí todo lo bueno que hay allá; luego, las demás partes de España. Se estima mucho en Flandes, en Roma, en Alemania, en Inglaterra. La cual estima y apreciación

52 MARTÍN DE AZPILCUETA, *Comentario resolutorio de cambios*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1965, p.74.

53 Cf. FUENTES, Op. Cit., p. 4-5.

54 Cf. FUENTES, Op. Cit., p. 5.

se causa, lo primero, de tener gran abundancia o penuria de estos metales, y como en aquellas partes nace y se coge, se tiene en poco, que aun los hombres, según el refrán, no se honran ni se estiman comúnmente en su patria.<sup>55</sup>

Em síntese, podemos deprender, a partir da leitura dos trechos destacados, que estes pensadores estavam dizendo que a valoração da moeda pelas pessoas influenciava no seu valor de troca, mas a utilidade, sozinha, não era a fonte do valor econômico: utilidade e escassez, juntas, determinavam o valor econômico. Tal interpretação, inevitavelmente, se chocava com a política mercantilista, de grande acúmulo de metais preciosos, adotada pelas coroas espanhola e portuguesa na época em que nossos autores escreveram suas obras. Para os escolásticos salmantinos estava claro que uma política de acúmulo de metais preciosos acarretava uma desvalorização do dinheiro e, conseqüentemente, um empobrecimento da população; manifestavam, dessa forma, um entendimento contrário à regulamentação da economia feita pelo governo, ou seja, um posicionamento crítico em relação à política mercantilista vigente na época.

Como podemos ver, havia uma preocupação por parte de um grupo de teólogos em entender o funcionamento das atividades comerciais e financeiras para, assim, estabelecer regras de condutas aos agentes envolvidos nestas atividades. É importante destacar que o interesse e aprofundamento em temas relacionados à economia por parte dos teólogos de Salamanca respondia a uma necessidade, primeiramente, espiritual.<sup>56</sup>

É evidente que os escolásticos nutriram interesse por entender o funcionamento dos mercados, mas a preocupação em conhecer as leis da economia se justificava porque estavam constantemente preocupados em garantir que os indivíduos pudessem salvar suas almas através de práticas cotidianas moralmente corretas<sup>57</sup>. Por isso toda a discussão econômica nos textos dos escolásticos é carregada de um profundo moralismo cristão. Aos autores dos tratados sobre economia da escolástica tardia interessava, sobretudo, a justiça nas relações comerciais.

55 TOMAS DE MERCADO, *Suma de tratos y contratos*. Madrid, Instituto de Estudios Fiscales del Ministerio de Hacienda, 1977, vol. 2, p. 388.

56 Estamos de acordo com a posição de Cendejas Bueno ao afirmar: “Tampoco es correcto pensar que la principal preocupación de la Escuela fueran los “asuntos económicos” como ámbito exclusivo de la justicia conmutativa, ni tampoco que la administración de los bienes (temporales, externos) fuera competencia exclusiva de la virtud de la justicia, ya que también le afecta la caridad, sobre la cual influye el concepto de lo necesario natural, como la prudencia, virtud específica de la razón práctica. Por lo dicho, cabe analizar la actividad económica bajo una doble perspectiva, tanto de instituciones, ley humana por tanto, como de comportamientos, sujeta por ello a la consideración de las diversas virtudes”. Cf. CENDEJAS BUENO, José Luis. *Introducción bibliográfica al pensamiento económico de la Escuela de Salamanca (I)*. Madrid: Universidad Francisco de Vitoria, 2017. p. 8.

57 Embora alguns escritos fossem mais acadêmicos e escritos em latim (como os *De iustitia et iure* e *De contractibus*), os manuais dos confesores serviam aos padres para que orientassem os fiéis, enquanto os manuais para mercadores eram diretamente para estes, por isto, eram de leitura fácil e, geralmente, em língua vernácula. Tal prática (tratar de economia em livros de orientação religiosa) fez com que o manual do confessor se convertesse “en un libro de análisis económico” Cf. VILAR, Pierre. *Oro y moneda en la historia, 1450-1920*. Barcelona: Ariel, 1982, p. 217.